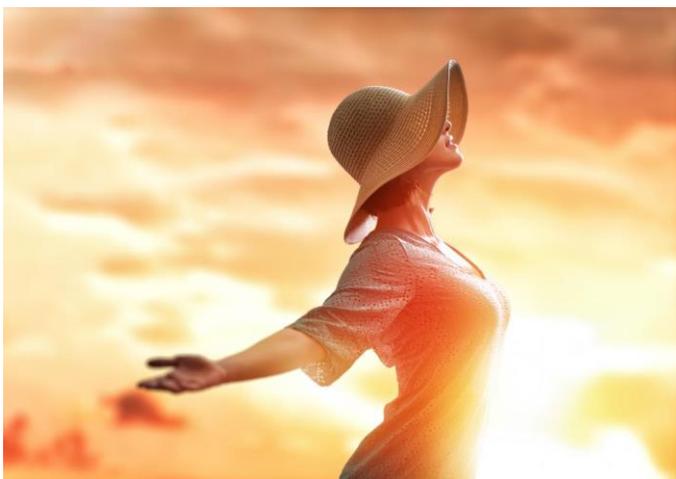


O equilíbrio perfeito

Perfeição não existe. É negando o título do texto que inicio minha reflexão. Se houvesse perfeição, não veríamos tantas coisas ruins em nosso mundo. Já o equilíbrio é amigo da perfeição. Engraçado que, mesmo sem querer, ao escrever isso automaticamente a palavra perfeição ficou nas primeiras quatro linhas deste texto, harmonicamente, sem nenhuma intenção. Perfeição? Acaso? Não sei. Mas o que vou relatar fatidicamente não é um acaso, é o resultado do aprendizado que adquiro a cada gira, a cada consulta de toco, a cada dia de minha vida.

Quando criança sempre busquei as melhores notas na escola. Sentia orgulho em ser a primeira aluna da turma. A nota em qualquer prova ou trabalho na escola não poderia ser diferente de 10. Isso me deixava triste comigo mesma. Se existia o 10 era para ser alcançado. Assim eu pensava. O resultado disso foi um problema cardíaco (temporário) aos 14 anos de idade. O número 10 era a minha busca incessante pela perfeição. Ser a aluna perfeita era minha meta. Enfim, depois de muito estudar, na faculdade entendi que a perfeição não era saudável, era na verdade a busca por algo que pudesse me fazer feliz na escola, devido ao bullying que eu sofria. Ser gorda na adolescência não é fácil, nem na infância.



Entendo quando as pessoas dizem que precisam de uma válvula de escape para suprir dores ou tristezas. Só não aceito quando optam por fugir da realidade (drogas e álcool) pois é uma mentira infame que o indivíduo prega em si mesmo. Terá momentos de felicidade ultrajada pela fantasia da química. Depois, a dura realidade cai sobre sua cabeça com mais pelo e crueldade... crueldade esta que foi

vitaminada pela própria pessoa.

O que me levou a comer em demasia e ser gorda? Hereditariedade com certeza, mas nenhum gene me deu comida na boca. Eu comi, eu escolhi os alimentos, mastiguei e fiz da gula minha companheira. E quando o corpo avantajado começou a me gerar resultados negativos pela sociedade hipócrita através do bullying, lá fui eu para outra válvula de escape... estudar compulsivamente para ser a melhor, mesmo que sendo a "Liquinha", mistura de Lilica (apelido infantil) com liquinho (botijão de gás pequeno).

A escolha da "válvula de escape" é muito importante. Temos que ter a consciência de escolher algo que não nos cause outra dor. Vejam que na minha escolha em estudar em demasia e ser a primeira aluna da turma me trouxe outro problema. Estresse cardíaco. Morrer disso eu não

iria, segundo o cardiologista, mas que eu deveria puxar o freio de mão. Não puxei. Aos 14 anos eu não tinha maturidade para entender isso. Foi na faculdade que entendi, pois decorar a história do Brasil com datas e nomes em cada acontecimento para o dia da prova poderia me dar um 10, mas isto não trazia conhecimento para mim. Na faculdade entendi, com ajuda certa da Vovó Benta que não era o quanto eu tirava de nota na prova, mas o quanto eu agregava com o que eu lia e ouvia para a minha vida. Foi a duras penas. Não foi fácil. Que lições eu tirava para mim? Comecei a perceber que nada sabia de história, geografia e demais disciplinas que eu apenas decorava para a prova. Fruto também de uma pedagogia da “reprodução” que até hoje vejo as escolas lutarem contra, mas pouco se caminhou em 10 anos sobre isto.

A válvula de escape, que iniciou com a comida e gerou outro estresse que era ser a primeira aluna da turma, me levou a ter dois problemas. Obesidade e estresse. Mas o que fez com que eu entendesse que a vida é muito mais do que pensamos?

Aos 17 anos, na faculdade de Análise de Sistemas, meu desejo pessoal era: ser uma mulher de sucesso, não casar, não ter filhos, sempre estar com um carro zero, apartamento com cobertura... ou seja, mulher independente e livre de “missões”, seja como mãe ou esposa.



Tudo corria bem, até que eu comecei a pensar ser louca, pois mesmo entrando na vida adulta ainda ouvia os “amigos imaginários” e isto nenhuma disciplina da escola e da faculdade me ensinou. Era católica, mas lá ninguém me explicou nada, só mandavam eu rezar. Exceto um padre que me olhou com cara de susto e pediu para eu rezar pedindo que me deixassem em paz, sinal de que ele acreditava em mim ao menos...

Minha busca pelas religiões se iniciou e há inclusive um texto no qual eu conta esta escolha. Fui em vários lugares, até que entrei num terreiro de Umbanda e lá tive a certeza de que não era maluca. Alguns meses após minha adaptação na nova religião, numa das giras de Umbanda, uma cigana coloca sua mão em meu pescoço e diz: “vai ver isso aí, você tem uma inflamação que precisa cuidar”. Sorriu e saiu... Eu pensei mais do que depressa “capaz, eu sou nova e não tenho problema algum”. Mas em respeito, nada falei.

Um mês depois meu braço esquerdo adormecia e doía. Busquei ajuda com ortopedista para ver o que eu já considerava ser tendinite devido a profissão. Engessado o braço fiquei quase 1 mês aguardando melhoras, mas só piorou. Voltei ao médico que me encaminhou para exame de Raio-X. O radiologista emitiu laudo sem problema algum, porém, o ortopedista achou estranho algo e me pediu uma tomografia. Continuando a busca, levei o exame ao médico. Me lembro como se fosse hoje. Meu pai, o Sr. Artur, estava em sua primeira viagem ao Mato

Grosso, realizando seu sonho. Ele sempre foi minha referência, embora na época travássemos uma pequena discórdia quanto a minha escolha de religião. Ele não gostava e estava prestes a me proibir de pisar no terreiro, fato que se já não contei, contarei em outro momento.

Diante do médico já com a tomografia nas mãos, veio o diagnóstico: “Lilian, você tem um tumor ósseo, não sei dizer se é benigno ou maligno e não posso lhe atender. Procure um especialista em cervical e corra, você não tem muito tempo”. Difícil ouvir isso e sem ter a sua referência (meu pai) perto para compartilhar. Peguei o nome do médico indicado pelo ortopedista e corri marcar consulta. Já no dia seguinte, de tanto que importunei a secretária, eu já estava diante do médico, também ortopedista, mas especialista em cervical. Um japonês não muito simpático que viu meu exame e só pediu um outro, uma ressonância magnética.

Fiz o exame e levei ao nada simpático doutor, hoje já desencarnado por leucemia. Ele abriu o exame e após ler o resultado, declarou “você tem no máximo 3 meses para retirar este tumor ou ficará tetraplégica”. Perguntei se era benigno ou maligno e a resposta foi direta “não importa, tem que tirar, depois que você tirar será feito exame”. Me passou os valores para fazer a cirurgia com ele.

Em casa, já com o retorno do meu pai, dei a notícia a eles. Minha mãe se desesperou e meu pai disse “vamos vender o carro”. Problema é que nem vendendo o carro teríamos o dinheiro. Fui ao Hospital da Polícia Militar, já que meu pai era militar. Conheci o Dr. Edson Pudles, simpático doutor que me atendeu e disse “Lilian, vamos fazer sua cirurgia semana que vem, você irá ficar bem, mas teremos que colocar uma tala em seu pescoço. Faremos enxerto de osso da bacia para a coluna o que limitará um pouco seus movimentos do pescoço”. Menos mal! Tinha um médico mais disposto e amoroso, com visão mais promissora.

Onde estava os espíritos neste momento? Nos momentos de nervoso confesso que não consigo ouvir nenhum deles. Fico surda espiritualmente. Por isso acredito que uma das coisas que aprendi dias atrás é muito séria: o desespero cega a gente. Não conseguimos enxergar saídas e tendemos a piorar o problema se não tivermos serenidade.

Após ouvir o Dr. Edson Pudles, me acalmei e fui para uma grande cirurgia como se estivesse indo passear alguns dias. Era época de copa do mundo. Comprei uma TV para levar no hospital. A cirurgia seria no Hospital Evangélico, pois no HPM não havia UTI e poderia ser necessário. Eu era noiva e como não queria correr o risco de comprometer o futuro de ninguém, voltando tetraplégica, paraplégica ou nem voltar da cirurgia, então terminei o noivado.

Levei minhas guias de Umbanda e as deixava pendurada na cabeceira da cama. A curiosidade das enfermeiras era grande e eu fazia questão de explicar. Eu dividia o quarto com uma nordestina que tinha problemas nos rins. A primeira consulta mediúnica foi com ela. Bernadete o nome dela... o problema dela era somatização pela separação dos filhos, pois ela não os pode criar. Alguns dos filhos estavam no nordeste, um deles nem notícia ela tinha. As consultas não paravam, as enfermeiras de todos os plantões viviam lá. Chegavam como quem não queria nada, mas a pergunta sempre vinha: você é médium?

Pratiquei consultas sem estar incorporada, apenas dizendo o que a vó Benta me falava. Posso afirmar que minhas primeiras consultas não foram no toco, foram na cama de um hospital. Foi então que comecei a pensar sobre as coisas que eu dizia (repassava o que a Vó Benta dizia para as pessoas) e me dei conta do que EU vivia. Eu precisava analisar, mudar meus sentimentos e pensamentos, pois meu corpo sofria por isso. A ideia de ser uma mulher independente e dinheirista me tornou um corpo falho. Sim, a falha estava na conexão! Meu corpo existe neste plano para abrigar meu espírito que é composto da mente (pensamentos) e os sentimentos (marcas da alma). Por isso o desequilíbrio total. As tríades em nossas vidas são impactantes. Uma delas é esta: corpo, sentimento (coração) e pensamento (mente). Percebi que o meu erro era em querer ter (dinheiro) e ser o que não precisava (modelo exemplar de mulher independente que mostraria para a sociedade hipócrita que me julgava por ser gorda). Fiz de mim uma muralha para combater o que a sociedade tinha de errado, mas a mais errada era eu mesma. Jamais mudaremos a sociedade com ideais e imposições, mudaremos com ações e bom exemplos. O início é por dentro de nós, cuidando do nosso corpo, dos nossos sentimentos e de nossos pensamentos.

Na sala de cirurgia, a equipe se preparava. Dr. Edson Pudles colocou música clássica para embalar a tarde. O anestesista estava sentado ao meu lado direito e me explicava como seria o processo. Do lado esquerdo, bem... do lado esquerdo havia um médico lindo, na faixa de uns 35 anos, moreno e simpático. Segurava a minha mão esquerda e com carinho disse “não se preocupe, a cura já se iniciou e você não tem com o que se preocupar”. A voz doce e suave me acalmou e dormi. Minha mente ainda pensava mesmo com o corpo totalmente adormecido. Lembro de ser virada de bruços e ter uma “rosca” feita de toalha de banho ou lençol. É estranho relatar, mas tenho certeza que eu vi meu corpo deitado na mesa de cirurgia e presenciei o Dr. Edson e sua ajudante a prender meus cabelos para liberar a área para a cirurgia. Ao mesmo tempo em que me encantei ao ver meu corpo na maca, minha língua doía por estar presa entre os dentes e como eu não conseguia movimentar meu corpo, pedi para que tirassem minha consciência. Momento diferente em minha vida, ver meu corpo estando fora dele e sentindo a dor na ponta da língua que estava entre os dentes, sem poder mexer o corpo.

Quando acordei da cirurgia, lá estava segurando minha mão o médico que não tinha nome no jaleco nem crachá. O mesmo que estava ao meu lado esquerdo antes da cirurgia. Perguntei a ele como foi e a resposta me deixou intrigada, pois não sentia nada nos quadris e suspeitava que a cirurgia não teria sido feita. Ele respondeu que foi melhor que o esperado, que o problema fora resolvido e que não foi necessário fazer o enxerto de osso. Continuamos conversando sobre o futuro, a vida, meus sentimentos e eu falava para ele sobre a lição que ali eu ganhava. Tudo o que antes eu achava necessário (status e dinheiro) era somente uma proteção minha contra coisas que eu mesma deixei acontecer ou criei. Culpar a sociedade pelo bullying? Não. Eu sou capaz de ignorar isso. Achar que o dinheiro me daria toda a felicidade? O que eu faria com um apartamento com cobertura e carro zero se não pudesse nem me alimentar ou simplesmente andar? Quem me daria emprego? Quem seriam meus amigos? Enfim... nada, absolutamente nada é mais importante do que o nosso corpo, nossos sentimentos e nossos pensamentos.

Diante desta conversa, entra um enfermeiro e me pergunta se quero mais cobertores, pois eu tremia muito. Para ele eu estava “variando” devido a anestesia e sei que isso acontece mesmo. Mas se foi um momento de loucura ou um bate papo com um espírito protetor e amigo, prefiro ficar com a segunda opção. Não sei se era S. Tata Caveira ou Dr. José Carlos, ambos queridos amigos que me acompanham. Como já se passaram 22 anos e na época eu era muito nova, pouco me preocupei em saber quem era. Só sei que foi um sensacional amigo.

A cura realmente havia começado. Voltei da cirurgia com novos sentimentos e pensamentos. Com um pedaço a menos na coluna cervical, na lâmina C4, que foi diagnosticado como benigno depois.

Qual a necessidade deste problema em minha existência? Eu mesmo causei? Deus quis me ensinar alguma coisa? Eu estava em desequilíbrio? Todas as questões podem ser positivas! O que precisa ser notado agora não é onde estava o problema, mas como ele foi solucionado.



Claro que saber as causas é muito importante para encontrar a cura, mas a minha era tão somente o processo cirúrgico? Não... a minha cura era existencial.

Meu pai havia feito promessa para N. Senhora Aparecida. Após 15 dias da cirurgia fui tirar os pontos com o Dr. Edson Pudles. Ao sair do consultório meu pai perguntou se eu aguentaria ir até a Basílica para ele pagar a promessa. Fomos até nossa casa, fizemos as malas e fomos, eu e meu pai até a Basílica em SP. Ele acendeu uma vela do meu tamanho em agradecimento e também em pedido dele, acendeu uma para ele e deixou lá um coração feito de cera pedindo um tempo mais de vida para ver suas filhas crescerem. Meu pai estava diagnóstica com doenças cardíacas, estava na fila do transplante e o médico (Dr. Betinni) disse que ele teria somente 3 anos de vida, mas isso já havia sido 2 anos antes. Meu pai viveu 25 anos após isso. Saravá N. Senhora Aparecida!

Voltei ao terreiro tão logo tirei os pontos da cirurgia. Agradei a cigana que com muito carinho me deu a dica que eu não fui capaz de entender no ato.

Desde então o meu respirar tomou outro sentido. S. Curumataí, caboclo de Ogum, meu pai de cabeça, periodicamente pergunta aos consulentes, “por que você respira?”. Esta pergunta quando ele fez para mim, eu já tinha passado pela experiência da cura na essência da minha existência, pelo menos esta cura que ocorreu aos 17 anos de idade. Muitas outras aconteceram e ainda irão acontecer, isto é reforma íntima. Algumas fazemos devagar, outras somos condicionados a resolver de forma mais urgente, pois teimamos em não querer mudar ou acreditar que está tudo certo.

Os sinais no corpo físico, através de doenças, é o mais comum. A doença pode ser criada por nós mesmos. Sim! Criada por nós. Pela forma com que agimos, pela forma com que negligenciamos a nós mesmos ou até mesmo por escolhas próprias com base em vida passadas.

As criadas por nós são simples, um câncer de pulmão em alguém que fuma há vários anos tem a grande probabilidade de ser pelo vício adquirido por livre e espontânea vontade. Mas há também um câncer que pode aparecer no pulmão de quem nunca fumou. O que leva ela a ter esta doença? Sintomas emocionais nunca tratados? Escolhas próprias de carma em resgate?

A somatização é o produto dos sintomas emocionais debilitadores não tratados. Suprimos nossas tristezas ao invés de tratar a causa. As dores maiores são causadas por nós mesmos, até mesmo quando somos magoados, ofendidos ou decepcionados. Como assim? Simples! Porque escolhemos guardar a mágoa, sentirmos a ofensa ou a decepção. Não é negar os fatos, é não permitir que estes lhe desequilibrem ao ponto de somatizar. Sofremos com os acontecimentos do dia a dia, com as decepções, com relacionamentos, com causas alheias inclusive, mas a escolha em internalizar isso e viver com isso é de cada um. Então se livrar dos sentimentos que aprisionam é salutar ao corpo. Mágoa vira doença. Viver em tristeza também.

Já as escolhas próprias em resgate são acertos de conta individuais, mas se engana quem pensa que é um acerto de conta seu com Deus. É um acerto de conta seu consigo mesmo, ou meu comigo mesmo. Claro! Pense comigo... se você se propôs a estar aqui em mais uma encarnação para melhorar como espírito, está nada mais nada menos que sentado a mesa da escola, com sede de aprendizado. A escola é a vida, o professor é Deus. Ouça o que ele espera de você e seja melhor hoje do que foi ontem.

Não ficou claro ainda que o acerto de contas é seu consigo mesmo? Pense a respeito do que vou lhe dizer agora: você pediu para estar aqui no plano físico, você se propôs a aprender, pois se não fosse assim, não teria recebido o presente de Deus para viver mais uma encarnação. Antes de encarnar, recebemos instruções e convictos de que faremos o nosso melhor, encarnamos. Mas do lado de cá, já passados pelos braços de Nanã Buruquê, nos esquecemos dos propósitos, pois diante de tantas coisas “encantadoras” a essência muitas vezes se perde. Os encantos são vários e não vejo necessidade em citar, mas levo você a pensar sobre tudo o que você tem na sua vida e se é apenas pelo belo/vaidade, pela ostentação/ego ou ainda pelo egoísmo.

Agora voltamos ao título deste texto: o equilíbrio perfeito... Perfeito no que tange ao emocional, mental e corporal não existe, não a todo tempo, então que possamos estar ao menos em equilíbrio. Quando estivermos no perfeito equilíbrio já não estaremos mais no plano físico. Por isso o equilíbrio perfeito quanto ao corpo, sentimentos e pensamentos não existe aqui. Só o teremos quando pudermos ser a essência desejada em um espírito de luz sem mazelas. Enquanto isso, vamos vivendo, dia a dia, aprendendo tudo o que for possível diante de tantas coisas boas e ruins, mas jamais esquecendo de desfrutar das coisas simples e boas que é viver neste mundo, tal como o aroma de um café fresco ou o sorriso de um filho.

Mas não esqueça! O seu equilíbrio está na grandiosidade de saber cuidar do corpo (saúde), dos seus sentimentos (priorize guardar somente coisas boas, mágoa e tristezas jamais...) e dos seus pensamentos (não pense mal dos outros nem de você, não julgue nada, não sofra por antecipação e não deixe de pensar positivamente e com otimismo).

Para o corpo: alimente-se de maneira adequada, faça exercícios, fuja dos vícios e mantenha contato médico com periodicidade.

Para os sentimentos: guarde somente aquilo que faz bem, rancores, mágoas e tristezas se apoderam de um espaço precioso em sua vida e lhe impedem de ser feliz. Jogue isso fora ou apenas releve e deixe passar com o tempo, não dê importância.

Para os pensamentos: tente dominá-los. Várias vezes irá se pegar pensando mal de alguém ou julgando suas atitudes. Então pare de pensar nisso! Reverta sua atenção para as coisas boas. Não é fácil fazer isso, não mesmo, principalmente as pessoas que detêm esta maldade na língua. Por isso digo sempre que dominar os pensamentos é uma faculdade própria de alguém que já domina a língua.

Não saberíamos o que é felicidade se já não tivéssemos saboreado a tristeza. Não daríamos valor a saúde se nunca ficássemos doentes. Não saberíamos diferenciar o que é dia sem a noite e tantas outras coisas que se opõe. Que sejamos capazes de viver com amor em todas as situações, isso é o nosso maior apoio no balé da vida.

Saravá!



Mãe Lillian de Iemanjá

Dirigente do Terreiro de Umbanda Vovó Benta

Rua José Zgoda, 205 – Bairro Alto – Curitiba / PR

www.vobenta.com.br - lilian@vobenta.com.br